

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA MODALIDADE REMOTA: UM ESTUDO DE CASO NA EJA

MARIA DORIS ARAÚJO DE LIMA

Mestranda do Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação de Alagoas – PPGE/CEDU/UFAL, doris.read@gmail.com.

MARIA AUXILIADORA DA SILVA CAVALCANTE

Professora Titular do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, maria_auxiliadora8@hotmail.com.

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões acerca do ensino de língua portuguesa na modalidade remota, que ocorreu no período de 22 a 24 de junho de 2020. O *locus* da pesquisa foi uma escola pública estadual de Alagoas, da Educação de Jovens e Adultos – EJA, do 1º período do Ensino Médio. As aulas foram ministradas de forma *On-line*, a partir de um grupo, no *WhatsApp*. Buscou-se conhecer e analisar como transcorreu a participação dos estudantes nessas aulas, se conseguiram aprender, bem como, se alunos e professores se apropriaram das linguagens tecnológicas digitais. A pesquisa realizada é de caráter qualitativo, sob um viés do estudo de caso. Os dados para a análise foram levantados dos planos de cursos e das aulas ministradas nos dias 22 e 23 de junho de 2020, perfazendo um total de 06 horas aulas. O aporte teórico utilizado, refere-se a autores das áreas de linguística, educação e tecnologia. Os resultados apontam que, mesmo em um cenário desafiador, é possível que alunos e professores interajam e se utilizem dos recursos tecnológicos disponíveis, atribuindo sentido ao que se aprende e resignificando o que se é ensinado. Contribuindo assim para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Ensino de língua portuguesa; Eja; Estudo de caso; Modalidade remota.

ABSTRACT

This work presents reflections on Portuguese Language Teaching in Remote Mode, from the 22nd to the 24th of June 2020. The locus of the research is a State Public School of Maceió, of Youth and Adult Education - EJA, from the 1st period of High school. Classes were taught online, from a group, on WhatsApp. We sought to know and analyze how the participation of students in these classes took place, whether they managed to learn, as well as whether students and teachers appropriated digital technological languages. The research carried out is of a qualitative nature, under a case study bias. Data for the analysis were collected from course plans and classes taught on June 22 and 23, 2020, totaling 06 hours of classes. The theoretical contribution used refers to authors from the fields of linguistics, education, and technology. The results show that even in a challenging scenario, it is possible for students and teachers to interact and use the available technological resources, giving meaning to what is learned and giving new meaning to what is taught. Thus contributing to the teaching and learning of Portuguese Language.

Keywords: Portuguese language teaching; Eja; Case study; Remote mode.

INTRODUÇÃO

Foram muitos os desafios que a pandemia do COVID-19 trouxe à população do Brasil, em diferentes áreas. Porém, em um caso mais particular, à área da educação em Alagoas, pois a partir de março de 2020, tivemos as aulas presenciais interrompidas, e tal imposição urgente, trouxe diferentes preocupações a gestores, professores e alunos, dentre outros envolvidos. O “novo” modelo de ensino a ser adotado, o ensino remoto, exigiria de nós professores ressignificar em muitos aspectos à nossa prática, e por certo não estávamos preparados.

Em vista disso, em 31 de março de 2020, a Secretaria Estadual de Educação – SEDUC, de Alagoas, autorizou a implantação da Portaria de nº 4.973/2021, que dispunha, no Art. 1º, sobre o modelo de teletrabalho em caráter excepcional e provisório. Tal portaria estava em conformidade com Decreto Estadual nº 73.650 e levava em consideração os termos da Instrução Normativa Seplag nº 02. Foi publicada no Diário Oficial do Estado de Alagoas, em 01 de abril de 2020, e buscava direcionar as atividades dos servidores da Sede Administrativa da SEDUC, das Superintendências, das Gerências Regionais de Ensino – Geres, bem como o Corpo Técnico-Administrativo das Escolas da Rede Estadual de Ensino.

Entretanto, no dia 07 de abril de 2020, foi publicada no Diário Oficial a Portaria/SEDUC 4.904, que em seu Art. 1º, estabeleceu o Regime Especial de Atividades Escolares Não-Presenciais (REAENP), nas Unidades de Ensino da Rede Pública Estadual de Alagoas, como parte das medidas preventivas à disseminação do Coronavírus (COVID-19), em todas as etapas e em suas diferentes modalidades. Quanto às atividades pedagógicas, segundo o Art. 2º, poderiam ser executadas por meio da mediação tecnológica ou a partir de “outros meios físicos (tais como orientações impressas com textos, estudo dirigido e avaliações enviadas aos alunos/ família), a fim de manter a rotina de estudos e garantir aprendizagens essenciais aos estudantes”. (ALAGOAS, 2020, p.05).

Além disso, segundo o Art. 3º, as atividades desenvolvidas durante o REAENP, deveriam promover VIII incisos, dentre os quais: A autonomia e o protagonismo dos estudantes; a aprendizagem colaborativa; a apropriação das linguagens científicas e sua utilização na comunicação e na disseminação do conhecimento científico; a apropriação e utilização das linguagens das tecnologias digitais (ALAGOAS, 2020, p.05).

No tocante às turmas do 1º ano do ensino fundamental à 2ª série do Ensino Médio, consta no Art. 4º, que o REAENP deveria ser compreendido como um espaço complementar, no qual os docentes, das diferentes disciplinas, desenvolveriam atividades de acordo o determinado no Art. 3º, referido no parágrafo anterior. Por sua vez, o Art. 6º, deixa claro que as atividades executadas durante esse Regime, deveriam ter um caráter interdisciplinar e a escola deveria ser preparada para atender às turmas por meio da construção de ambientes virtuais ou da utilização de meios físicos. Também, as atividades interdisciplinares propostas deveriam ser organizadas tendo em vista a criação de novos ambientes de aprendizagem, que incluíam 07 laboratórios, quais sejam: Laboratórios de Aprendizagens de Língua Portuguesa e Matemática, de Comunicação, de desenvolvimento de Ideias Inovadoras, de Desenvolvimento de Iniciativas Sociais ou Comunitárias, de Desenvolvimento de Atividades Lúdicas e o Clube de Leitura.

Como exemplos, os Laboratórios de Aprendizagens de Língua Portuguesa e Matemática deveriam promover a proficiência dos alunos nessas disciplinas, e considerarem os resultados das avaliações diagnósticas realizadas pelas unidades de ensino e pelos sistemas de Avaliação Educacional de Alagoas (SAVEAL), e a Avaliação da Educação Básica (SAEB) (ALAGOAS, 2020, p. 06).

Conforme se observa, professores e alunos além de se adaptarem a rotina imposta pelo contexto pandêmico, também teriam que assimilar uma reestruturação da grade curricular, saindo de um modelo de disciplinas, que contemplavam os conteúdos solicitados para cada série, e buscava atender às necessidades das modalidades de ensino, regular e Educação de Jovens e Adultos - EJA, para uma proposta de ensino mais simplificada, na qual a EJA não foi ao menos citada. Mais que isso, em um curto espaço de tempo e sem perder de vista as solicitações da Portaria 4.904, docentes e estudantes, teriam que absorver e saberem utilizar os diferentes conhecimentos e ferramentas tecnológicas, almejando um ensino-aprendizagem assertivo, interativo e de qualidade. Diante dessas mudanças, surge as seguintes indagações: Como transcorreu a participação dos discentes às aulas? Foi possível saber se estudantes conseguiram aprender? Professores e alunos conseguiram se apropriar das linguagens tecnológicas digitais?

Diante do cenário exposto, nosso intuito, nesta pesquisa, é conhecer e analisar o ensino de língua portuguesa, na modalidade remota, em uma escola pública estadual, localizada na cidade de Maceió, na EJA, em uma turma do 1º período vespertino, no nível Médio. Para tanto, selecionamos e

levantamos informações, dos planos de curso e das aulas ministradas a partir do aplicativo *WhatsApp*. Os planos foram elaborados, inicialmente, pelas professoras dos Laboratórios de Língua Portuguesa e Matemática, e encaminhados, por *E-mail*, à coordenação da escola.

Com esses dois instrumentos de coleta, foram levantados os dados referentes ao período de 22 a 24 de junho de 2020, e a partir deles pretendemos conhecer e analisar quais ações pedagógicas foram desenvolvidas por uma professora de Língua Portuguesa, no Laboratório de Aprendizagem de Língua Portuguesa, durante essa etapa do ensino remoto. Ademais, se essas ações contribuíram ou não para o processo ensino-aprendizagem desse idioma. Salientamos que os dados coletados para a análise também serão usados para uma pesquisa de mestrado, desenvolvida a partir grupo de Pesquisa em Gramática, Análise Linguística e Variação, do Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação de Alagoas, da Universidade Federal de Alagoas – PPGE/CEDU/UFAL. Para tanto, solicitamos à escola estadual, na qual esta pesquisa foi desenvolvida, uma autorização (carta de anuência) para a utilização dos dados presentes nesses instrumentos.

A metodologia que utilizamos caracterizou-se como uma abordagem qualitativa, tendo em vista o método ser do tipo estudo de caso, que segundo Yin (2005, p. 32), “é uma investigação empírica, na qual se investiga um fenômeno dentro de seu contexto da vida real, especificamente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Como aporte teórico, foram utilizados autores das áreas de educação, linguística e tecnologia, dentre eles: Aguiar (2015), Cetic (2019), Leffa (2000), Marcuschi (1997), Possenti (1995;1996), Santos & Silveira (2021).

Portanto, defendemos a realização desta pesquisa porque, embora existam estudos sobre o Ensino de Língua Portuguesa, nos níveis Fundamental e Médio, na modalidade remota, cada estudo buscará descrever e investigar a realidade vivenciada, a partir das solicitações propostas pelas Secretarias dos Estados e às instituições de Ensino públicas ou particulares, configurando-se assim em propostas individualizadas. Além disso, poucos estudos estão voltados para a Educação de Jovens e Adultos – EJA, cujas necessidades e características já são específicas e particulares, em um contexto dito “normal”, quanto mais na Modalidade Remota, implantada em um cenário atípico e adverso; assim sendo, tais necessidades ampliam-se.

METODOLOGIA

Esta pesquisa possui um caráter qualitativo, que para Denzin e Lincoln¹ (1994, p. 2) “é multimetodológica quanto ao foco, envolvendo uma abordagem interpretativa e naturalística para seu assunto [...] os pesquisadores qualitativos estudam as coisas no seu *setting* natural, tentando dar sentido ou interpretar fenômenos em termos dos significados [...]”.

Ressaltamos que as aulas registradas nos planos de curso foram planejadas, inicialmente, pelas professoras dos Laboratórios de Língua Portuguesa e Matemática, de uma escola pública estadual de Maceió, localizada no centro da cidade, na modalidade EJA. As docentes ministravam aulas no 1º período vespertino, a partir de um grupo aberto para essa turma no aplicativo *WhatsApp*, pela coordenação. Entretanto, é importante frisar que o planejamento das aulas, bem como as ações desenvolvidas nelas, foram organizadas por datas, tendo em vista os objetivos e o percurso metodológico traçado por cada professora, buscando assim atender às necessidades de cada laboratório. Provavelmente, tal organização foi estabelecida, visando guardar e preservar os dados.

Além do estudo de caso, também realizamos uma pesquisa documental, que “caracteriza-se como uma fonte de coleta de dados restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento do acontecimento do fato ou fenômeno, ou posteriormente” (LAKATOS & MARCONI, 1991). Conforme Lüdke e André (1986), “a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (p. 38).

Desse modo “[...] é pertinente que a pesquisa científica esteja alicerçada pelo método, o que significa elucidar a capacidade de observar, selecionar e organizar cientificamente os caminhos que devem ser percorridos para que a investigação se concretize (GAIO, CARVALHO & SIMÕES, 2008, p. 148).

Para tanto, o método que escolhemos foi o estudo de caso, cujos estudos são voltados “para uma instituição, uma escola, um currículo, em evento, um grupo, uma pessoa etc. Constitui em uma instância provocadora do estudo

1 Denzin NK, Lincoln YS (editors). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, Sage, 1994. Tradução livre.

de mediações que concentram a possibilidade de explicar a realidade concreta” (FRANCO, 1990. p. 4).

Isso posto, as aulas doravante descritas e analisadas foram ministradas no período 22 a 24 de junho de 2020, que, ao observamos os dados, é possível perceber que foram trabalhados com os estudantes, diferentes temas e subtemas, provavelmente com o intuito de nortear a prática dos professores e estimular a participação dos discentes na sala de aula virtual. Para a análise das aulas selecionadas, usamos como apoio os autores, Aguiar (2015), Cetic (2019), Leffa (2000), Marcuschi (1997), Possenti (1995;1996), Santos & Silveira (2021), dentre outros. Neste trabalho, foram selecionadas 06 aulas para serem analisadas, as quais serão apresentadas a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1.1 Escolhas e planejamento inicial das aulas

As aulas na escola pública estadual de Maceió, na qual esta pesquisa foi realizada, tiveram início, de forma remota, em abril de 2020. Como os professores estavam se adaptando a proposta de ensino dessa modalidade, houve a necessidade de se reunirem, via *On-line*, para planejarem as atividades iniciais relacionadas a turma do 1º período, do turno vespertino. Nessas reuniões, escolhiam qual tema gerador seria trabalhado a cada semana e quais atividades poderiam ser solicitadas aos estudantes, nos Laboratórios de Aprendizagem, durante o Regime de Atividades Especiais – REANP. Além disso, consideravam as necessidades e dificuldades dos estudantes nas aulas e refletiam sobre quais recursos tecnológicos seriam utilizados para explorarem essas temáticas.

Dentre os subtemas escolhidos pelos professores do turno vespertino, encontramos: “Economia criativa”, “Cidades históricas de Alagoas e seus patrimônios locais”, “A importância do saneamento básico para a manutenção da saúde”, “Artistas alagoanos e suas contribuições para a nossa cultura”. Dentre estes, selecionamos e analisamos as informações referentes ao subtema “Artistas alagoanos e suas contribuições para a nossa cultura”. Escolhemos para análise esse subtema, porque pareceu-nos mais interessante e oportuno de ser estudado em um contexto de pandemia, cujas notícias veiculadas não eram as mais animadoras. Ao nosso ver, esse subtema também está mais relacionado a área de Língua Portuguesa e podendo propiciar ricas

discussões em sala de aula, pois envolve a cultura local e a realidade dos estudantes, levando-os a apreciar, refletir, valorizar e melhorar tal realidade.

Ressaltamos que, neste artigo, os sujeitos participantes das aulas, serão identificados como aluna 1 (A1), aluna 2 (A2), aluna 3 (A3) e aluno (A4), segundo a posição em que aparecem. Serão analisadas as aulas registradas no período 22 a 24 de junho de 2020, e ministradas nos dias 22 e 23. Em cada dia, foram realizadas 03 aulas, na turma do 1º período, via *WhatsApp*, perfazendo um total de 06 aulas.

1.2 Descrição das aulas, subtema: “Artistas alagoanos e suas contribuições para a nossa cultura”.

Ao dar início às aulas ministradas no dia 22 de junho de 2020, a professora lembrou o subtema da semana e convidou aos alunos para desfrutá-lo. Disse que iriam estudar o artista alagoano, Aurélio Buarque de Holanda, e perguntou de forma retórica aos estudantes, por que seria importante estudar sobre esse artista. Na sequência postou o significado do termo cultura, retirado do *site* Dicionário Informal da Língua Portuguesa.

Sem dúvida, abordar sobre temas culturais no espaço escolar é sempre necessário e pertinente, pois, segundo Feldmann, Nunes & Miranda (2020, p. 160), “estas possibilidades de cultura, não podem estar à parte do contexto da escola, não podem e nem devem ser desconsideradas no contexto da EJA, que é permeada de sujeitos de culturas.” Além disso, é possível notar uma relação de convergência entre a cultura e a língua, já que ela “funciona como um veículo que transporta e espalha essas práticas culturais” (PAULA, ALMEIDA & RESENDE, 2016, p. 12).

Após explicação sobre as manifestações que envolvem o termo cultura, a docente enfatizou e refletiu em relação aos significados das palavras “linguísticas”, “língua falada e escrita” e passou a dizer que Aurélio contribuiu significativamente para a nossa cultura. A seguir postou uma foto dele para que os alunos o conhecessem ou o revissem. E perguntou, “o que podemos ver nessa imagem?” A imagem escolhida revela um Aurélio já idoso, pensativo, sereno, usando uma vestimenta seria e alinhada a posição que assumia no cenário nacional.

A Aluna 1 observou a imagem e disse não o conhecer. A professora comentou que certamente ela já ouviu falar sobre Aurélio, mas não estava lembrada. A1 respondeu: “pode ser.” Daí a docente forneceu uma pista ao dizer que a grande maioria das bibliotecas possui um livro desse escritor.

A seguir enviou uma mensagem e revelou as funções que ele ocupou no decorrer da sua carreira: “ensaísta, filólogo, lexicógrafo, tradutor”, também, onde nasceu, em que data, e o ano de sua morte. Possivelmente para mostrar que se trata de uma artista que fez parte de uma dada época e contexto histórico, e, que devido seus feitos, ocupa um lugar significativo em nossa memória e identidade cultural.

Em se tratando do uso de imagens, no contexto de sala de aula, é interessante observarmos o que diz Domingues (2006, p. 69), se pretendemos utilizá-las de forma adequada:

[...] Abordar os estudantes com a pergunta direta: O que você observa? Pode gerar um desconforto, pois nem sempre o que é claro para o mediador é claro para o estudante, assim ele pode se sentir pressionado, comprometendo o desenvolvimento da ação mediática. Acredito ser mais prudente abordar o estudante com questões abertas do tipo: Vamos conversar sobre esta imagem? O que você pode me dizer sobre esta imagem? O que podemos ver nesta imagem? Estas questões podem trazer o adolescente para perto do mediador (DOMINGUES, 2006, p. 69).

Nesse sentido, ainda que a A1 tenha feito um comentário curto e objetivo sobre a imagem, a partir da pergunta indireta feita pela professora, ela sentiu-se motivada a participar.

Na sequência a docente solicitou aos estudantes que estivessem atentos aos significados das funções exercidas por Aurélio, e que juntos iriam considerar a importância delas. A aluna 2 (A2) pergunta à professora qual seria a palavra correta se “filólogo ou filósofo”, e disse nunca ter ouvido falar sobre o primeiro termo. Daí a docente citou um exemplo visando diferenciar esses termos, e perguntou se A2 entendeu a diferença. A aluna respondeu com um “ok”. Ainda que a docente tenha abordado sobre questões do léxico de forma breve, tal abordagem se faz muito necessária, pois “[...] a reflexão sobre o léxico e sua manifestação no vocabulário das línguas implica, com efeito, ao conhecimento do mundo e do que somos e, naturalmente, é o saber sobre essa língua que sustenta os variados conhecimentos (BATTANER ARIAS; LÓPEZ FERRERO², 2019, p. 2.). “Não se trata, portanto, de pobreza, porém de riqueza. Conhecer essa riqueza das palavras diz respeito ao que

2 BATTANER ARIAS, P.; LÓPEZ FERRERO, C. Introducción al Léxico, componente transversal de la lengua. Madrid: Cátedra, 2019. Tradução livre.

significa conhecer uma língua” (LEFFA, 2000, p. 22), em particular, o vocabulário da Língua Portuguesa.

A docente também mostrou que com todo esse potencial, e variedade de funções ocupadas, o escritor contribuiu muito para ampliação e estudo do vocabulário existente na nossa língua materna, o português – falado em todo território nacional, e que apresenta variação regional, histórica e social, dentre outras – como as encontradas em nosso Estado. E perguntou se os alunos lembravam de alguma palavra ou expressão típica do Nordeste. Porém os discentes não responderam.

Outro aspecto interessante focado pela professora, é que antes de exercer as funções já citadas, Aurélio Buarque foi professor e iniciou a atividade no magistério bem jovem, aos 15 anos. Ou seja, desde cedo já demonstrou uma aptidão para uma área. E tal escolha talvez tenha norteado a sua carreira e o fez traçar um caminho de sucesso. A partir disso, refletiu sobre a importância de se ter alvos e de se estudar, também de buscarmos fazer escolhas acertadas na vida, e que há esforços envolvidos quando se deseja alcançar um objetivo. A aluna 2 (A2) diz concordar com tal afirmação. Na Educação de Jovens e Adultos – EJA, é imprescindível que o docente incentive e motive os estudantes a estudarem, uma vez que o [...] “aluno pode estar voltando à escola para a realização de um sonho, ou porque se deparou com um mercado de trabalho que está cada vez mais exigente, ou ainda por motivação de familiares e até mesmo para driblar a solidão” (MURANETTI, 2007, p. 1).

A docente ressaltou ainda que o artista investiu na carreira de escritor, publicou obras, recebeu premiações e ocupou uma posição na Academia Brasileira de Letras. E perguntou aos estudantes se já pararam para pensar sobre a importância da escrita. Depois postou o *link* de um vídeo que abordava sobre “06 dicas para se escrever bem”, e pediu que os alunos o assistissem, para que pudessem conversar. No entanto os estudantes não comentaram.

A seguir, a professora refletiu sobre se queremos avançar em conhecimento, adentrar em outras áreas e vivenciar outras experiências, precisamos esforçar-nos. Cada um levando em consideração suas necessidades, especificidades e interesses. A1 contribuiu: “muito inteligente ele.” A professora, respondeu: “demais!!! Mas todos somos! E que orgulho para o nosso Estado. Não é?”. Conforme se observa, é papel do professor da EJA pensar sobre os estudantes, seus interesses, “[...] as necessidades da vida, desejos a realizar, metas a cumprir que ditam as disposições desses sujeitos, e por isso há a

necessidade de compreender seus tempos para então organizar, segundo as possibilidades de cada grupo de pessoas, para garantir [...] sua permanência e direito à educação [...]” (NETO, 2010, p. 13).

Dando sequência a aula, a docente comentou sobre a função de dicionarista ocupada por Aurélio e sua dedicação ao desempenhá-la, levando-o a ser convidado a executar um trabalho como lexicógrafo. A seguir, solicitou aos alunos que pesquisassem no *Google* sobre esse último termo, mas eles não responderam. Então ela enviou um poster contendo tal definição. Mencionou ainda que nessa função, o artista atuou como colaborador em um pequeno dicionário da Língua Portuguesa. A1 comentou: “Ahh agora eu sei ele tem um dicionário com o nome dele, não é?” Muita coisa para uma pessoa só!” Eu acho que ele amava o que ele fazia pra fazer assim tem que gostar do que se faz!”

A professora concordou com a opinião da aluna, e acrescentou: “ele conseguia fazer um pouco de cada coisa porque estava plenamente envolvido com sua profissão. E o amor o motivava sim a agir. Então nada do que ele fazia parecia ser doloroso. Sentia prazer... Tão bom quando a pessoa consegue amar o que faz. Não é? Os resultados são maravilhosos!!!”

A1 respondeu: “eu acho muito importante porque a escolha que você faz pode ser aquela para resto da vida, tem gente que não muda de profissão.” “Quando você ama o que faz desenvolve muito bem aquela função.” Sobre as interações envolvendo A1 e a docente, ressaltamos que, “o ponto de partida de qualquer trabalho pedagógico deve ser a emoção. Como vimos, a **emoção do aprendente** apropria-se do que será apreendido e, desta forma, o afeto atua no início do processo de aprendizagem para canalizar a atenção e no final para ajudar a memória no resgate das informações (CUNHA, 2008, p. 44. Grifo nosso).

A docente relembrou que Aurélio começou a trabalhar cedo, e “se não gostasse de atuar nessas áreas, dava tempo de desistir e fazer outra coisa.” Mas ele fez escolhas certas, e nós ganhamos muito com isso!”. A1, afirmou: “verdade!” A professora mostrou ainda que, a preocupação dele com a Língua Portuguesa, e a paixão pelas palavras, o levou a imensa tarefa de elaborar o próprio dicionário.

A seguir, a docente postou uma foto na qual Aurélio está em uma mesa escrevendo e por cima dela são vistos diferentes livros e papéis; por trás há uma estante contendo um número grandioso de livros. E perguntou aos alunos o que gostariam de comentar sobre essa imagem. Porém não houve retorno.

Comentou ainda que a leitura é uma habilidade importante para construção do pensamento e de uma escrita clara e bem fundamentada. Também que é necessário muita pesquisa, discernimento e sabedoria, para compreender o que se lê. Além de atenção e dedicação. Disse que quem almeja uma boa qualificação na vida deve melhorar a sua habilidade de leitura. E acrescentou: “imagine um médico que não gosta de ler, estaria capacitado para atuar na profissão?”. Os discentes não comentaram. No tocante a habilidade de leitura, concordamos que os professores precisam estimular nos estudantes, o gosto pela leitura; mais que isso, levá-los não apenas a decodificar ou identificar as informações presentes em um texto, mas estimulá-los a perceber que “a realização de uma leitura crítica possibilita ao leitor muito mais do que a apropriação do sentido do texto; ela é mola propulsora para a construção do próprio sujeito-leitor, imerso em sua realidade sociocultural, auxiliando-o no processo de compreensão, para além do texto escrito, do texto-mundo [...]” (AGUIAR; NETA, 2015, p. 05).

No decorrer das aulas, A1 escreveu: “verdade, é preciso muita dedicação mesmo. Estava bem dedicado mesmo!” A seguir, explicou que teria que interromper a aula, pois foi à casa da cunhada, usar a internet, e precisava voltar para casa porque a filha menor dormiu e ela não tinha ninguém para ajudá-la. A professora demonstrou entender a situação, a tranquilizou e lembrou à A1 que o conteúdo ficaria postado no grupo da turma e depois ela poderia acessá-lo. A1 disse que lia tudo que foi postado.

É interessante ressaltar, que em uma situação como essa, faz-se necessário muita empatia, porque desconhecemos a realidade dos estudantes, quanto ao acesso à internet. O que realmente sabemos, tendo em vista algumas pesquisas, dentre elas, a realizada pelo CETIC (2019), sobre o acesso à internet pelos indivíduos no Brasil, é que o nosso país “[...] possuía cerca de 134 milhões de usuários de Internet, ou 74% da população [...] e apesar do aumento significativo de usuários nos últimos anos, uma a cada quatro pessoas não usava a rede no país, o que representa aproximadamente 47 milhões de não usuários.” Percebemos que um número significativo da população não tem acesso a internet; e, possivelmente, após o irrompimento da pandemia, as condições econômicas e sociais; a depender da região, impossibilitaram ainda mais tal acesso.

A docente redirecionou a atenção para os demais alunos da turma e comentou sobre a publicação do dicionário Aurélio, em 1975, e que a partir dela o autor foi convidado a realizar palestras, sobre os temas: “os mistérios e as sutilezas da língua portuguesa”, e “como se deu a origem de algumas

palavras”. Tornando evidente o seu papel como dicionarista. Ainda que, em 1977, foi lançado o Minidicionário da Língua Portuguesa, o tão conhecido “dicionário de bolso.”

Nessa ocasião, a professora mostrou uma das capas confeccionadas para o dicionário, que fazia uma homenagem aos 100 anos do escritor e explicou o que havia de tão interessante nesse dicionário. Como exemplo, citou um acervo com mais de 5 milhões de ocorrências e novas atualizações. Então perguntou aos discentes se já tiveram a oportunidade de usar esse dicionário. Não houve retorno. Comentou sobre as versões digitais disponíveis para *download* no celular, *Android* ou *iPhone*, já que os alunos fazem uso do recurso celular diariamente, e poderiam, quando necessitassem, utilizar uma dessas versões, para ampliarem o vocabulário.

Postou 03 depoimentos dos amigos de Aurélio, revelando algumas características da sua personalidade e pediu que os alunos lessem esses depoimentos. Para tanto, os estudantes deveriam enviar áudios com as leituras dos parágrafos. Como os discentes não corresponderam, a docente postou áudios com a leitura desses depoimentos e refletiu que o artista encarou a vida com otimismo. Enfatizou também que essa é uma qualidade muito necessária, para a o contexto de pandemia, que estavam vivenciando. Nesse sentido, vale salientar que, ainda que os alunos não tenham compartilhado da leitura, a professora não se eximiu em realizá-la. Tal atitude constitui-se importante porque “a prática da leitura em voz alta é um importante recurso para o entendimento do texto, visto a aproximação entre leitor e ouvinte no compartilhamento de um mesmo texto, de modo a construir uma interpretação mediada pela voz [...]” (SANTOS & SILVEIRA, 2021, p. 08).

A aluna 3 acessou o grupo, e respondeu: “verdade!”. O aluno 4, também contribuiu: “esse na expressão popular é bombril mil e uma utilidades.” A4 pareceu demonstrar ter escutado a aula desde o início, mas apenas nesse momento decidiu que podia participar.

Em seguida, a docente os cumprimentou, perguntou como eles estavam. Os estudantes relataram como se sentiam. Na sequência ela respondeu ao comentário feito por A4, ao confirmar que Aurélio era um artista muito versátil. E acrescentou: “mas todos nós, se quisermos, podemos ser um pouco Aurélio também. Somos talentosos! Basta descobrirmos o que mais nos agrada. Que habilidade temos”. A4 correspondeu: “verdade professora.” Notamos a partir desses diálogos, o quanto é importante valorizar e motivar a participação dos alunos, em especial os da Eja, pois “[...] possuem sentimentos e aprendem como outro aluno qualquer. Essas qualidades

estão nítidas em conversas que rodeiam sobre o dia-a-dia, pois quando os sujeitos sentem-se à vontade, expõem os pensamentos, ideias, conseguem falar sem medo e expressam o que sabem e o que desejam saber [...]” (SILVA, 2018, p. 27).

A professora acrescentou: “é por esses e outros motivos que Aurélio recebeu uma bela homenagem, aqui, em Maceió, na praia de Ponta Verde”. Então postou duas fotos (em dois ângulos), da escultura de Aurélio, que foi colocada na orla de Maceió, e revelou quem as confeccionou. Também solicitou aos alunos que, depois da pandemia, a conhecessem. Despediu-se e os convidou a participarem das aulas do dia seguinte.

No dia seguinte, dia 23 de junho de 2020, a docente cumprimentou os alunos, recapitulou brevemente o que estudaram na aula anterior, e lembrou o subtema da semana, qual seja: “Artistas alagoanos e suas contribuições para a nossa cultura”. Mencionou que iria falar sobre uma artista alagoana, que teve uma trajetória inusitada, e construiu uma história de sucesso não apenas para si mesma, mas para os que sofriam, resultando numa mudança de comportamento na área da psiquiatria.

Relembrou o significado do termo cultura, estudado na aula anterior, e proposto no dicionário informal *On-line*; entretanto, dessa vez, enfatizou e explicou sobre os seguintes termos: “comportamentais”, “conduta” e “atitude”. Segundo Bagne e Nacarato (2012, p. 190), “esse movimento de analisar e generalizar as características que envolvem a palavra e o sentido a ela atribuído transforma constantemente nossa compreensão sobre determinados conceitos”. A docente mencionou ainda, que essas palavras estão relacionadas ao trabalho realizado por essa artista, que por meio de sua conduta e posicionamentos, trouxe importantes contribuições ao cenário alagoano e brasileiro.

Conforme vimos, a professora não citou de imediato o nome da artista, mas apontou para algumas características que revelam a importância de se estudá-la. Daí a aluna 1 (A1) perguntou: “quem é?” A docente acrescentou: “ficou curiosa, não é?” A1: “Sim (kkk).” Então a professora prosseguiu: “Há alguns anos fizeram um filme falando sobre a vida dela, e uma atriz global a representou no cinema.” E postou algumas carinhas (*emogis*) expressando “um ar de mistério”. A1 respondeu: “Diz professora!” E a docente expôs “carinhas sorridentes”, e comentou: “Nise da Silveira. Já ouviu falar?” A1: “Se ouvi não lembro.”

A fim de atender às expectativas da aluna, a docente revelou, brevemente, quem é a artista, quais contribuições forneceu para área da terapia

ocupacional, como estas beneficiaram a sociedade (nos aspectos físicos, sensoriais, e motores), especialmente quanto ao tratamento da esquizofrenia. E perguntou, você teria como assistir um vídeo? A1: “Sim, mande!” A professora enviou o *link*, e aluna disse que iria assistir o vídeo. Solicitou ainda aos estudantes que quando concluíssem a visualização do vídeo, a informassem.

O vídeo postado pela docente mostrava a entrevista da atriz Glória Pires ao fantástico e o momento em que ela visitou o hospital em que Nise Silveira trabalhou. Nesse recurso, ressaltou-se quais métodos foram usados pela psiquiatra para melhorar as condições de vida dos pacientes internados. Expõe-se ainda as pinturas realizadas pelos pacientes atendidos por Nise, enfocando o resultado positivo da terapia aplicada por ela, contrastando-a com as condições anteriormente enfrentadas pelos pacientes. Enquanto a aluna observava o vídeo, a professora postou duas fotos da psiquiatra (com idades e épocas diferentes).

A1 disse ter assistido o vídeo e comentou: “o trabalho dela não mudou só a vida dela, como os dos pacientes que são pessoas que precisam de cuidado e respeito. Que crueldade eram feitas com os pacientes! Que quadros lindos que os pacientes fizeram. Muito bom! Esse museu foi a prova viva que o que ela fez muita diferença! São obras muito bonitas!”. Nesse diálogo, percebemos que, em se tratando da aprendizagem, “ela acontece somente se houver da parte do educando, uma atividade autônoma no sentido de que ele se mobilize para o aprendizado [...] a transmissão dos conteúdos, os conhecimentos científicos, as habilidades, atitudes etc., não é feita de maneira mecânica do professor para o aluno, sem que este queira.” (MELO & URBANETZ, 2008, p. 117). Como vimos, para estimular uma aprendizagem significativa, é fundamental que o professor faça uso de recursos que ampliem as possibilidades para a concretização desse aprendizado. Nesse sentido, de acordo com Moran,

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Nos atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário) em outros tempos e espaços. O vídeo combina a comunicação sensorial-cinestésica, com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional (MORAN, 1995, p.28).

Ao utilizar um vídeo ou outra tecnologia disponível, seja na modalidade remota ou presencial, é importante que professores, alunos e alunos entre si, interajam, troquem conhecimentos e se apropriem das diferentes linguagens digitais existentes, aproximando assim os sujeitos e os saberes produzidos. Pois, de acordo com Kenski (2007), com a confluência entre as linguagens, há a formação de ambientes nunca antes imagináveis, no qual se unem imagens, textos, sons, movimentos, cores, objetos, formas etc. Forma-se então uma rede e por meio dela gera-se outras formas aos conteúdos e as informações disponibilizadas nesses ambientes digitais.

Dando continuidade à aula, a docente parabenizou A1 pela apreensão do conteúdo apresentado no vídeo e pelos argumentos apresentados, e acrescentou: “ela é a prova viva de que é preciso agir para mudar à realidade que nos cerca, e tornar a vida do outro mais significativa. Prazerosa! Usando a arte como aliada. Não apenas a arte, mas os animais, como cães e gatos.” A1 respondeu: “Os animais fazem um bem muito grande a nós seres humanos, imagino para eles.”

A docente também reforçou que o tratamento proposto pela artista é muito interessante, porque não apenas visa ajudar aos pacientes, mas também explorar o potencial criativo e afetivo de cada um deles, resultando numa mudança significativa de comportamento. A partir de um tratamento suave e que não causa nenhuma dor. Pois a pessoa já está trancada em um hospital, separada da família, no seu “mundinho”, e “ainda ser submetida a choques?”

A professora prosseguiu: “era um tratamento muito prático e tinha um bom acompanhamento por parte da equipe médica, assim os pacientes podiam cuidar dos animais nos espaços abertos do centro, estabelecendo vínculos afetivos. Inclusive, Nise da Silveira escreveu um livro dedicado aos felinos, chamado “Gatos, a emoção de lidar”, e estimulou à leitura dessa obra.

A1: “Pois é, ainda bem que ela foi genial em criar esse método ninguém merece já doente, tá levando choque que coisa horrível! Com outro tratamento, na minha opinião, eles pioravam em vez de melhorar. Além de camisa de força!”

A professora: “Isso! o tratamento anterior não trazia benefícios significativos (ou não permitia que os pacientes se socializassem mais e melhor uns com os outros, e modificassem a realidade deles). Revolta e sentimento de frustração eram constantes. Por isso que Nise resolveu partir para um tratamento mais humanizado. Ela sentiu bem de perto o sofrimento deles. Muita empatia! A partir da Terapia Ocupacional o comportamento de cada

um deles mudou e muito! E para melhor, é claro. Um grande e importante avanço na área da psiquiatria.” A1: “Ainda bem!”

A docente ressaltou: “ela também formou parceria com o psiquiatra e psicoterapeuta Suíço Carl Gustav Jung. Muito conhecido no Brasil por seus estudos nas áreas da Psiquiatria e Terapia Ocupacional. Essa parceria foi tão interessante que Nise se tornou uma das principais precursoras das práticas desse psiquiatra no Brasil e formou um grupo de estudos, além de ser convidada para representá-lo em um estudo, e escrever a vida e obra dele.” A1: “que bom que esse método se espalhou para outros lugares!”

A professora prosseguiu: “ainda que eles tivessem um trabalho parecido, o modo como ela agia aqui no Brasil diferia da maneira como ele atuava na Suíça, porque as condições dos pacientes e a estrutura vivenciadas eram diferentes em vários aspectos. Mas, dentro do possível, ela conseguiu ser bem sucedida ao aplicar o tratamento.

Observando a interações estabelecidas entre A1 e a docente, fica evidente que quer seja na sala de aula virtual ou física, o *feedback* fornecido pelos estudantes pode propiciar diferentes reflexões sobre a prática adotada pelo professor, sendo possível repensar e reorganizar as metodologias adotadas, a fim de garantir que esses aprendam e desenvolvam diferentes habilidades. Ainda sobre a interação, de acordo com Gaspararin (2007, p. 109) “os educandos, como sujeitos aprendentes, ativos e participantes, realizam sua aprendizagem – autoaprendizagem – a partir do que já sabem e na interação com seu professor e com seus colegas, isto é, na Inter aprendizagem [...].

Além disso, o falar e o ouvir são de suma importância, porque quando isso acontece, “aciona-se um “sistema” linguístico-verbal e outros sistemas (das boas maneiras, da hierarquia entre falantes, das suposições derivadas do conhecimento mútuo [...]. Cada um interfere de alguma forma nos outros [...] no evento discursivo, são ingredientes relevantes para produzir significações [...]. (POSSENTI, 1993, p. 75-76). Também, “saber falar significa saber uma língua. Saber uma língua significa saber uma gramática” (POSSENTI, 1996. p.17).

Percebemos que as aulas na sala de aula virtual, com a utilização da linguagem oral, a partir de áudios, pode contribuir significativamente para o aprendizado dos estudantes, pois essa linguagem “é a expressão natural e básica da língua. Assim, cabe à escola oferecer ao aluno a oportunidade de expressar suas idéias, conhecimentos e experiências na sua forma de comunicar e no seu dialeto, sendo ouvido e respeitado nos seus pontos de vista (MARCUSCHI, 1997, p. 49).

Antes de finalizar a aula a docente recapitulou, brevemente, a dimensão, a proporção e a repercussão do trabalho da artista. Também agradeceu à participação da Aluna1, incentivou os estudantes a reverem os conteúdos estudados e a participarem das próximas aulas.

Quanto aos objetivos traçados para as aulas dos dias 22 e 23 de junho de 2020, encontramos: refletir sobre as contribuições dos artistas Aurélio Buarque e Nise da Silveira, para a cultura brasileira, bem como possibilitar que os alunos por meio das habilidades oralidade, escrita e leitura, exponham seus pontos de vista ou argumentem, utilizando-se dos conhecimentos linguísticos que já possuem.

Na nossa visão, a professora além de possibilitar que os alunos refletissem sobre as contribuições desses artistas à nossa cultura, também buscou que os alunos fizessem uso da linguagem como lugar de interação humana, praticando ações que não conseguiriam realizar a não ser falando/escrevendo/lendo ouvindo e interagindo (CAVALCANTE & FREITAS, 2008). Sobretudo, tendo em vista as instigantes trajetórias desses artistas, os alunos da EJA foram incentivados a valorizarem a cultura local, acreditarem no potencial que possuem e persistirem na busca pelo conhecimento.

Sobre o segundo objetivo proposto, este também foi alcançado, pois os alunos foram motivados a refletirem sobre a importância das habilidades, leitura, escrita e oralidade; e para tanto, a professora fez uso de perguntas a fim de estimulá-los a participar. Além disso, a docente não parecia ter a intenção de que os estudantes aprendessem apenas os conhecimentos gramaticais; antes, parecia almejar que se apropriassem das informações transmitidas e fizessem uso dos conhecimentos linguísticos que já possuíam para argumentar. Pois saber apenas a gramática não significa saber fazer uso adequado da língua em diferentes contextos sociais.

Na sequência, os estudantes poderiam expor o que compreenderam, e interpretaram esses conteúdos, levando em consideração às suas vivências. Portanto, ainda que os procedimentos metodológicos adotados não tenham permitido uma ampla participação dos estudantes, os objetivos propostos foram alcançados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, tivemos como objetivos conhecer e analisar o ensino de Língua Portuguesa, na modalidade remota em uma escola pública estadual de Maceió, na Educação de Jovens e Adultos – EJA, em uma turma do 1º

período vespertino, no nível Médio. Procuramos também investigar como transcorreu a participação dos estudantes nessas aulas, se conseguiram aprender; bem como, se alunos e professores se apropriaram das linguagens tecnológicas digitais.

Com base na descrição dos dados e na análise apresentada, foi possível observar que, a interação dos estudantes nos dois dias de aulas não foi tão expressiva. Pois a turma era composta de 29 discentes e apenas 04 participaram. No tocante a aprendizagem, os comentários dos alunos revelaram uma aprendizagem significativa, já que os poucos alunos que interagiram, atribuíram significados aos conteúdos abordados, ao refletirem e se posicionarem, sobre os percursos e contribuições dos artistas estudados.

Quanto se os alunos e professores se apropriaram das linguagens tecnológicas, notamos que houve um maior uso e apropriação dos recursos usados, por parte da professora; entretanto, observamos que no decorrer das aulas, os participantes fizeram uso dos recursos digitais que lhes pareciam mais disponíveis, como exemplos, áudios e mensagens, a fim de se comunicarem. Apenas uma aluna demonstrou ter assistido ao vídeo e visualizado as imagens. Esses dados, leva-nos a refletir sobre os possíveis motivos da baixa interação e da restrita utilização desses recursos tecnológicos: os alunos tinham um bom nível de letramento digital? Faziam uso de dados móveis ou o acesso era por meio de alguma banda larga? Já estavam adaptados ao modelo de ensino adotado? Percebiam o aplicativo *WhatsApp* com recurso de aprendizagem?

Pretendemos, noutros estudos, buscar respostas a essas perguntas, ao levantarmos e analisarmos dados referentes as aulas de Língua Portuguesa, sobre outros subtemas, desenvolvidos na modalidade remota.

Acreditamos que esta pesquisa poderá nortear a prática dos professores de língua portuguesa ou áreas afins, especialmente na modalidade de Jovens e Adultos – EJA, visando uma melhor adequação e reflexão sobre os conteúdos e recursos usados, nos Ensinos remoto e Regular.

AGRADECIMENTO

Agradecemos a valiosa colaboração da professora Danielly Palmeira de Mendonça, do Laboratório de Matemática, no planejamento inicial das aulas remotas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ivonete de Souza Susmickat. NETA, Nair Floresta Andrade. A importância da leitura na educação de Jovens e Adultos – EJA: de que tipo de leitura estamos falando? Tear: **Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.4, n.1, 2015.

ALAGOAS, **Diário oficial de Alagoas**. Maceió: Secretaria de Estado da Educação – SEDUC, Instrução Normativa N° 002, 2020. Disponível em: http://www.educacao.al.gov.br/images/Diretrizes_para_a_execucao_do_Teletrabalho.pdf Acesso em: 04 de set. de 2020.

ALAGOAS, **Diário oficial de Alagoas**. Maceió: Secretaria de Estado da Educação – SEDUC, Portaria/Seduc N° 4.904, 2020. Disponível em: http://educacao.al.gov.br/images/DOEAL-07_04_2020-portaria_Seduc.pdf. Acesso em: 05 de set. de 2020.

BAGNE, Juliana. Adair Mendes, NACARATO. A prática do diálogo em sala de aula: uma condição para a elaboração conceitual Matemática dos alunos. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.20, n2, p.186-214, jul./dez., 2012.

BATTANER ARIAS, P.; LÓPEZ FERRERO, C. **Introducción al Léxico**, componente transversal de la lengua. Madrid: Cátedra, 2019.

CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. Língua, linguagem e gramática: implicações pedagógicas. In: **O ensino da língua portuguesa nos anos iniciais: eventos e práticas de letramento**. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; FREITAS, Marinaide Lima Queiroz. (Orgs.). Maceió: EDUFAL, 2008. p. 11 - 32.

CETIC. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios**. São Paulo, 2019a. Disponível em: <http://data.cetic.br/cetic/explore>. Acesso em 06 set. 2021.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

Denzin NK, Lincoln Y. S (editors). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, Sage, 1994.

DOMINGUES, Claudio Moreno. **O olhar de quem olha: cultura visual, arte e mediação na aula de história** – o uso da imagem na construção do conhecimento histórico. São Paulo. 2006. Disponível em: <http://www.ia.unesp.br/Home/Posgraduacao/Stricto-Artes/claudiodomingues.pdf> Acesso em: 12 set. 2021.

FELDMANN, Marina Graziela; NUNES, Ana Lúcia Pereira. MIRANDA, Helga Porto. Cultura e interculturalidades na Eja. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, v. 03, n. 06, p. 156-170, jul./dez. 2020.

FRANCO, M. L. P. B. “Estudo de caso”, no falso conflito entre “pesquisa qualitativa” e “pesquisa quantitativa”. **Revista Inter-Ação**, v. 14/15, n. 1-2, p. 1-6, jan./dez, 1990.

GAIO, R.; CARVALHO, R. B.; SIMÕES, R. Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão. In: GAIO, R. (org.). **Metodologia de pesquisa e produção de conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 2008.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

LAKATOS, E. M. MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa. In: Lakatos E.M, Marconi M.A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3a ed. São Paulo (SP): Atlas, p.195-200,1991.

LEFFA, V. J. (org.). **As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas**. Pelotas, EDUCAT, 2000.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. da. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º grau: uma visão crítica 1. **49ª Reunião da anual da SBPC**, a convite da APLL, Belo Horizonte, MG, 1997.

MELO, Alexandre de; URBANETZ, Sandra Terezinha. **Fundamentos de Didática**. Curitiba: Editora IBPEX, 2008.

POSSENTI, Sírio. Um cérebro para a linguagem”. In: **Boletim da Abralin**, 13. pp. 75 – 84, 1993.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas - São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. In: **Revista comunicação & Educação**. São Paulo, ECAD – Editora moderna: [2] de 27 a 35, jan./Abril, 1995.

MURANETTI, Robianca. **A importância do trabalho psicopedagógico na Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: jan. 2007. Disponível em: www.abpp.com.br/artigos. Acesso em 16 set. 2021.

NETO, Celso Gomes Ferreira. Desafios do professor de matemática na Educação de Jovens e Adultos– EJA. **V ENID – Encontro de Iniciação à Docência da UEPB**, 2010.

PAULA, Maria Helena de. ALMEIDA, Mayara Aparecida Ribeiro de; RESENDE, Rayne de Mesquita. Língua, cultura e léxico: confluências entre Lexicografia e Filologia. **Revista Entretextos**, Londrina, v. 16, n. 2, p. 7-27, jul./dez. 2016.

SANTOS, Marcos Suel dos. SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Leitura em voz alta e protocolos verbais... **Afluentes: Revista de Letras e Linguística**, UFMA/CCEL, v.6, n.17, p. 05-24, jan./jun. 2021.

SILVA, Klayton Roberto. A aprendizagem na EJA: o olhar dos alunos sobre as dificuldades e potencialidades da modalidade de ensino na cidade de Cuité-PB. **Monografia** – Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas – UFCG, 2018.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5.ed. Tradução de Crísthian Matheus Herrera. Porto Alegre: Bookman, 2005.